



## A comida e as dores da memória na obra de Halina Grynberg

Food and the Pains of Memory in Halina Grynberg's Work

**Sandra de Almada Mota\***

Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG) | Formiga, Brasil

sandraprof@unifor.br

**Resumo:** Halina Grynberg, no romance *Mameloshn: memória em carne viva*, 2004, trata da dor imposta por lembranças e dos traumas que atravessam gerações passando, certamente, pela alimentação. Nesse relato, a narrativa transporta o leitor para memórias afetivas que antes inquietam que confortam. De forma semelhante, em *O padeiro polonês*, 2005, a escritora articula a memória sofrida à preparação da *chálá*, o pão trançado, feito pelo pai da narradora. Percebe-se que a comida, nesses dois romances autobiográficos, possui uma linguagem temperada com lágrimas e múltiplas significações.

**Palavras-chave:** Halina Grynberg. Comida. Memória.

**Abstract:** Halina Grynberg, in the novel *Mameloshn: memória em carne viva*, 2004, deals with the pain imposed by memories and traumas that cross generations, certainly passing through food. In this account, the narrative transports the reader to affective memories that are rather disturbing than comforting. Similarly, in *O padeiro polonês*, 2005, the writer articulates the suffered memory of the preparation of challah or braided bread, made by the narrator's father. It is noticed that the food, in these two autobiographical novels, has a language flavored with tears and multiple meanings.

**Keywords:** Halina Grynberg. Food. Memory.

Os romances *Mameloshn: memória em carne viva*, publicado em 2004, e *O padeiro polonês*, de 2015, de Halina Grynberg, são servidos ao leitor como uma espécie de indigesta refeição regada por uma linguagem temperada com lágrimas e dores.<sup>1</sup>

*Mameloshn* mescla fragmentos de lembranças que instituem essa dor e impregnam a linguagem de sofrimento. A narrativa, segundo avisa a narradora, é “cantada, em *mameloshn*, a língua materna, insígnia dos judeus da Europa

---

\* Doutora em Letras – Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Professora de Língua Portuguesa do Centro Universitário de Formiga

<sup>1</sup> GRYNBERG, Halina. *Mameloshn: memória em carne viva*. Rio de Janeiro: Record, 2004. GRYNBERG, Halina. *O padeiro polonês*. Rio de Janeiro: Record, 2015.



Ocidental” que, assim como os israelitas, peregrinavam pelo deserto, entoando cânticos a Deus.<sup>2</sup>

Esse tom de lamento que acompanha e constitui uma tradição literária que poderíamos chamar de “literatura de exílio”, atravessa tempos e espaços, em inúmeras diásporas desde o Êxodo bíblico, passando pelos Salmos, até a moderna literatura judaica. Essa tradição migra, com os exilados, para o Brasil.

Guarnecidas de rica cultura, as histórias do exílio judaico no Brasil não deixam de revelar cicatrizes e rastros que permitem vislumbrar a reconstrução ficcional de narrativas que fazem vibrar, no leitor, vidas à espera de um olhar, cuja empatia possa recolher vestígios, ou restos de memória que, pela escrita, a memória se encarregou de conformar.

À vista disso, restos de lembranças, reminiscências e fragmentos de histórias, que não podem ser esquecidos, constituem a matéria-prima com a qual a personagem narradora, a partir do olhar de menina ou do ponto de vista de mulher feita, negue o seu passado, um fardo sobre o qual ela não tem meias palavras ao afirmar: "Eu me salvei: por dentro disse não!". Se, de um lado, é impossível se desvencilhar da condição de segregação a que a personagem é submetida, do outro, ela acaba por inscrever-se na geração dos filhos dos sobreviventes da Shoah, com tudo que isso implica. Sobre sua mãe, a narradora sentencia:

Restamos eu ela, ela e eu, filha e mãe, e a persistente confirmação de tantas ausências, a fragilidade e o esforço sem fim de escapar ao assédio dos fantasmas que continuavam a me envolver em fios esgarçados, remendando cortina entre mim e a vida lá fora, a vida dos outros.<sup>3</sup>

Entre esses dolorosos relatos, destacam-se as referências à alimentação. Dados os momentos de penúria, a relação com a comida é sempre um testemunho do desejo de sobrevivência e da inquietante memória que acompanha o lamento da narradora como uma espécie de estribilho: "A mão que sufoca é a mesma que dá de comer". Essa triste constatação, longe de ser amorosa em relação aos pais, é, ao contrário, denunciadora da situação, em vários momentos até constrangedora na narrativa. A narradora, filha de sobreviventes, é superalimentada e dela, segundo o seu ponto de vista, muito se lhe exige. Daí a sensação de ser alguém angustiada, ou seja, de quem foi subtraído o ar. A aproximação em metonímia, a mão que alimenta, ou seja, os pais, a mão que representa cobranças e

---

<sup>2</sup> GRYNBERG, 2004.

<sup>3</sup> GRYNBERG, 2004, p. 15.



sufocamento permeia a narrativa entre a Polônia, a Sibéria, Tel Aviv, Paris, ou Rio de Janeiro.

O leitor, aos poucos, se inteira que, em Varsóvia, a mãe escapou do gueto, refugiando-se num Campo da Sibéria, como garçõete no refeitório de oficiais... talvez por servir, afirma, criticamente a narradora, ela não aprendeu a cozinhar. De acordo com a filha, a comida que a mãe oferecia era “insípida, descolorida, empapada de repugnância que corroía, causava náuseas e a repelia”.<sup>4</sup> Ela agrava as queixas e as denúncias contra a mãe se exacerba: talvez ela tenha cozinhado restos humanos que ficaram na Polônia, em fornos de assar gente. E, por temer que a filha morresse de fome, vigiava o garfo que a menina levava a boca, repetindo insidiosamente que daquelas pessoas nada sobrou, nada! Mas a filha, esta iria sobreviver.

Por isso, essa mãe, cujo trauma migra para a segunda geração, força a filha a comer, temerosa de que morresse como tantas outras crianças pereceram nos guetos e nos campos de concentração. Queria a vida, afirma a narradora, mas o fazia com tortura, como se quisesse a morte. E acrescenta:

Mamãe me reclinava de costas sobre seu colo. Com o cotovelo esquerdo forçava minha cabeça para baixo enquanto tapava-me as narinas com os dedos livres. Sufocada em terror, o grito retido por detrás dos dentes cerrados, acabaria por entreabrir os lábios para a colher empunhada pela mão direita que empurrava a comida goela abaixo.<sup>5</sup>

Seguem-se aos relatos, como esse com a comida forçada garganta abaixo pela mãe, a diáspora infinita do pai que vivia, a cada ano, formulando a promessa: “Ano que vem em Tel Aviv...”. Também sobrevivente, o pai não consegue se enraizar e a filha disso se ressentiu. Cada cidade, uma dentro da outra, como as bonecas russas, ou como a tradição de caligrafar, em papel de pão ou tudo o que recobre o alimento, traduziam as preces que a avó se encarregava de fazer e de manter, com a promessa de que pudesse fazê-las chegar às pedras milenares do Muro das Lamentações, ou ao que restara do Grande Templo. Essas preces em *mameloshn*, a língua materna, torna-se, na trama, um verdadeiro palimpsesto que envolve pais e filhos, o alimento espiritual, purificado pelas lágrimas de desconsolo e devoção, e a comida que, antes negada é, agora, impingida pelos que sobreviveram à catástrofe.

---

<sup>4</sup> GRYNBERG, 2004, p. 16.

<sup>5</sup> GRYNBERG, 2004, p. 18.



A menina se descreve sentada no colo do pai, pescando os fiapos de macarrão do caldo de galinha que a avó preparava, seguindo as normas alimentares da tradição judaica. Enquanto isso, a mãe, alheia à fé, à comida e à cozinha, imagina que pudesse aprender a cozinha francesa com madame Genenève. Esta, lembra a narradora, fazia um bife na grelha com manteiga, inadmissível para quem observa as regras de *kashrut*, um bolo de reis de massa crocante que escondia farelos açucarados deixados, de propósito, pela velha senhora, como um consolo ao sofrimento da menina.

O pai, conta a narradora, era confeitoiro. A arte de fazer pão fora-lhe transmitida de geração a geração, talvez pudesse salvá-los da humilhação indissociável da fome persistente. Ele era capaz de oferecer à filha um sonho ainda morno, repleto do precioso creme dourado que escorria pelos cantos da boca da menina que, deliciada, lambuzava a alma, segundo relata, em contraponto à refeição desleixada, que a mãe misturava no fogareiro.

Após os anos de penúria, o afastamento da filha: “Menina em crescimento precisa comer melhor”, foi o veredicto que a levou ao internato. Nem os sonhos confeitados pelo pai, serviriam de argumentação, lá também engoliu sem queixa o que lhe ofereceram. E já que era para viver, ela não morreu. Mas algo, da ordem da insatisfação, fica preso na garganta, portanto, no discurso da narradora.

A mãe morre de câncer, agonizando, no Rio de Janeiro, anos depois. E, em meio a tantas perdas, discernir o estribilho “a mão que sufoca é a mesma que dá de comer” começa a fazer sentido. Na infância, o único tufo de cabelos que enfeitava o alto da cabeça da sua boneca enchia a menina de alento. Pensava poder nascer a partir dali e, haveria, pensava, um mundo no qual bonecas teriam cabelo, roupa e até sapato. E ela, menina, um nome para chamar.

A narradora, pela memória, constrói passado e presente como os “vestígios de passagens”. Paul Ricoeur afirma que esses vestígios permanecem como restos que remetem a dois registros temporais heterogêneos”.<sup>6</sup> Wander Melo Miranda acrescenta que essa narrativa é como seguir um rastro que se inscreve na trama mediando entre o “não-mais” e o “ainda”, ou seja, o passado não é só negativamente o que acabou, mas o que foi e o que, por ter sido, preservando-se no presente.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>7</sup> MIRANDA, Wander Melo. A poesia do reesvaziado. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, n. 4, jul.-dez., 1995.



No romance *O padeiro polonês*, Grynberg inquieta o leitor com outro texto que articula o poderia ter acontecido e o que ainda resiste, na memória, entre lembrar e esquecer.

Um momento paradigmático dessa encruzilhada dá-se quando a narradora descreve a preparação da *chalá*, o pão trançado, pelo pai. À descrição da massa leve em vagas de doçura e uma pitada de sal polvilhando sementes de papoula, a narradora acrescenta a suspeita de que o pai tenha sido um *kapo*, um judeu encarregado pelos nazistas para controlar um grupo de prisioneiros nos campos de concentração.

Essa dúvida agrava, a cada menção, o sentimento que atravessa a longa estada da família no navio, até a chegada ao Brasil, onde herdaram um fogão barato, com forno lento e uma pequena casa em Madureira, no Rio de Janeiro. Ali, o pai, antes, um padeiro polonês convocado pelo exército russo, agora, no Brasil, é um caixeiro-viajante. Renascido dos esgotos em campos de extermínio alemães, agora são e salvo, o pai é descrito como um tipo de cafajeste, um ator mau-caráter que encena a sua redenção, sem máculas, sem memórias, sem legado. Bastava-lhe, arremata a narradora, o prazer de estar vivo e fazer a *chalá*.

Para a narradora-personagem que escreve a saga do pai, durante muito tempo, o bom da vida era a *chalá*, preparado com o cerimonial de quem detém a arte de multiplicar o pão, com a reverência de quem sabe multiplicar o trigo. Solene e terno, ele acariciava a massa crua a cada volteio, amaciando-a sobre a pedra mármore enfarinhada, ninando-a, embalando-a de um lado para o outro, gentil e ameno, em cada mesura, assoprando-a como quem bafeja o barro para dele fazer o homem.

Nas horas que antecediam o *shabat*, ela acrescenta: “o olhar [dele] estaria sempre fixo na luz da primeira estrela do anoitecer, para afundar as mãos como quem mergulha de corpo inteiro na massa leve [...]” “Meu pai, ela afirma, beirava o sublime quando fazia a *chalá*. O alimento tocado pelas mãos sedutoras do pai passa por todos os sentidos da narradora. A preparação da rosca trançada torna-se, assim, um elo amoroso entre pai e filha. Cerimonial que transcende o *shabat* e o mero sustento para multiplicar-se em símbolos e metáforas. A narrativa dá-se, assim, como um diálogo em monólogo, ou seja, a filha fala a um pai ausente. Ele não pode nem se desculpar, ou se retratar, ou a desmentir, porque só existe dentro do texto, do discurso da filha.

Enquanto narra a história que deveria ser do pai, que prepara a *chalá*, a narradora escolhe os ingredientes para obter uma massa trançada com vigor. Para o pai, do ponto de vista da filha, um exercício de sedução, um ofício familiar que exercera como clandestino nas noites de Paris, cambaleante diante da farinha amassada com água e fermento. Para ela, a propagação de uma cultura, para sentir e



alimentar uma identidade, para despertar olhares e sentimentos. O pão percorre a história família, desde a Europa até o Brasil, estabelecendo, no Rio de Janeiro, uma estabelece uma fronteira étnica.

O pão, assim, feito pelas mãos do pai, chega ao paraíso tropical, é contornado pelos talheres ímpares e maldispostos, os pratos lascados alinhados sobre a toalha de mesa gasta, mas impecavelmente limpa, na qual cada refeição se dá em rigoroso ritual.

No sabor da trama, o passado é narrado salpicado de pratos peculiares à cozinha judaica, mas também da comida brasileira que, pouco a pouco, entra na cozinha dos imigrantes. Surge, desse modo, o cheiro do miscigenado arroz com feijão, branco e negro da vizinhança brasileira, em nada parecido com a mescla do quente com o frio, do doce com o azedo, do acre travo de temperos com os matizes de sabores transportados da Europa.

Na desbocada vasilha de vidro barato da família da narradora, descansa o líquido levemente resfriado e leitoso do *borscht* branco, com pequenas ramagens verdes de bertalha esgarçadas com as pontas dos dedos, postas a cozinhar em leite com limão e cebola. Ao levantar fervura, adicionam-se as colheradas da *smetene* – o creme de leite azedo que a mãe destinara ao consumo imediato, conferindo o toque de requinte e sofisticação. Era ali, naquelas minudências, que resistia a disfarçada transmissão oral, memória feminina argamassada em *mameloshn*, a língua materna.

A frequência e os momentos em que a comida se mostra presente na história, tanto no cardápio do dia a dia quanto nas práticas alimentares dos rituais, demonstram o vínculo de um povo com suas tradições.

E, é em meio aos pesadelos do pai que despertava sobressaltado aos gritos, com lágrimas nos olhos, arrastando-se pelo chão, martelando a cabeça de encontra à porta da rua na tentativa de fugir, e à indiferença da mãe que, nessas horas, se escorregava para a cama da menina, procurando-lhe o peito com as mãos aflitas a tapar os ouvidos, que a narradora se agarra aos livros. Precisava seguir pelo deserto sem sentido, que é esse lugar dos sobreviventes atormentados pelo passado, para além do abismo do esquecimento e descobrir onde estava soterrada a sua própria história.

Ela conta que tudo começa com Monteiro Lobato e só deixava *Reinações de Narizinho*, quando o grito irado do pai dizia que era hora de se sentar à mesa. Mas, ainda assim, mantinha o olhar fixo no pequeno arabesco que incidia sobre as laterais da mesa, refletindo o embaçado fundo da frigideira, de onde o pai arremessava sobre as batatas grandes e inteiras a calda quente do *shmaltz*, a gordura de galinha resfriada, e os dourados da cebola refogada – que a fazia





lembrar a pele morena dos seus amiguinhos que a aguardavam entre as páginas do livro.

O pai preparava o *shmaltz*, colocava a banha da galinha em pote de vidro bem tampado, no tempo exato para obter a consistência pastosa quando resfriada. A gordura animal saboreada em sua aldeia natal Goworovo, substituía a manteiga e o azeite que a família não podia comprar. Sem conseguir evitar os paralelos de sobrevivência, a menina distribuía cores nos vidrinhos de remédio da mãe, o pai acumulava os excessos de sebo aderidos às peles das galinhas, e os nazis industrializavam pele e gordura de judeus mortos nas câmaras de gás dos campos de concentração. A enumeração começa na cozinha, podre, quase miserável, e termina, como se vê, nos campos. Uma tragédia coletiva faz parte, portanto, do processo histórico de estabelecimento dos judeus em outras terras, o engendramento de costumes, a continuidade precária da tradição judaica que certamente passa pela mesa, em meio ao conflito.

O *shmaltz* a repugnava, mas não tinha direito a recusar, confessa a narradora. O pai, ao contrário, o saboreava, sem repartir os bocados preciosos de arenque adquiridos com a economia semanal, dispostos sobre grossas fatias de pão preto entre largas rodela de cebolas. Com a boca cheia, ele explicava a tradição alimentar praticada por sua família, algumas delas até registradas na Torá.

A mãe, em dias de festa ou de bom humor, preparava os *kichelechs* quentinhos, raro refinamento de ternura, o tradicional biscoito caseiro feito com farinha, ovos, óleo ou *shmaltz*, água e açúcar, para acompanhar o chá quente no final da refeição. Estes, como as *madeleines* de Proust, revelavam o gosto bom de infância. O chá, no entanto, era obrigatório no desjejum e ao final de cada refeição servido quentíssimo e feito de uma erva de má qualidade sem limão e sem açúcar.

Anos depois, aninhou-se ao doentio e ao melancólico Proust, percorrendo páginas de Paris carregadas de sutilezas, saboreando com ele as *madeleines* mergulhadas no chá da memória, em busca do tempo perdido. Dividiam a mesma data de aniversário, por isso, vivia o faz de conta que poderia reter as lembranças amenas, as reminiscências ternas, velando a espera de uma palavra com o pai. Recordava a sesta em seu colo, onde, inocente dormia sobre o pulsar do seu coração.

Na tentativa de evocar o pai, tentava reinventá-lo, pela narrativa entre a melancolia e a esperança, a angústia que a fez caminhar para a leitura de *Afogados e sobreviventes*, de Primo Levi.<sup>8</sup> Com esse livro, conheceu a fome, que é capaz de mirar olhares para calcular quanto tempo faltaria para a morte do próximo

---

<sup>8</sup> LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luís Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.



cadáver ambulante... quem sabe se o sufocassem e o escondessem debaixo da palha, poderiam se apropriar da parte de alimentos que lhe caberia? Algumas vezes, o *kapo* gastava comida à toa, castigando alguém por má conduta na fila, e enfiava-lhe a cabeça dentro da sopa asquerosa, servida uma vez por dia com um naco de pão duro, enquanto outros prisioneiros se seguravam, para não serem castigados também, de irem até o balde e se atirarem sobre o corpo da vítima sugando-lhe o que do balde lhe aderiu ao corpo. E então, pergunta: Faria isso, meu pai?

Mas o pai se nega a falar, e isso a obriga a buscar palavras para reescrever-se. Como ele não lhe diz o que é Auschwitz, Auschwitz ainda resiste dentro dela. E por ser filha de alguém que recusou o dever da transmissão entre gerações, desobedeceu ao mandamento de contar aos filhos. Ela não o cometerá, seu filho quer saber, por isso, apropriando-se do passado coletivo, do qual também faz parte, em continuidade, busca um sentido que seja deles para transmitir a vida, algo a narrar ao filho a história dos judeus.

A alimentação, como se viu, tempera as histórias da mãe e do pai, que é também a história da filha, afinal, a narradora quer transmitir para o seu filho o legado de sua imensa tradição. Nessa condição, a transmissão da memória familiar, da linguagem e da linhagem (da “língua-mãe”), dá-se, não só pela religião, pelo nome, pelo território e pelos valores, mas pela transmissão dos desejos e das habilidades que incluem “o cozinhar”.

Em seus diferentes aspectos, a comida e a cozinha constituem-se como um espaço vital para a evocação de uma história judaica, que, mesmo trágica, pode ser lembrada e trançada como a *chalá*, à cultura e à identidade brasileira.

## Referências

GRYNBERG, Halina. *Mameloshn: memória em carne viva*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRYNBERG, Halina. *O padeiro polonês*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luís Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MIRANDA, Wander Melo. A poesia do reesvaziado. *Cadernos da Escola do Legislativo*, Belo Horizonte, n. 4, jul.-dez., 1995.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

-----

Recebido em: 23/02/2021.





# *Arquivo Maaravi*

*Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*  
ISSN: 1982-3053

Aprovado em: 23/03/2021.